

A MULTIMODALIDADE EM CAPAS DE OBRAS INFANTIS DO PNLD LITERÁRIO

MULTIMODALITY IN COVERS OF CHILDREN'S BOOKS BY THE LITERARY PNLD

João Batista Sena Neto¹
Carla Moura Dutra²
Ananias Agostinho da Silva³

RESUMO: Responsável pelo acesso de escolas do Brasil inteiro a livros que irão constituir o acervo de cada instituição, o Programa Nacional do Livro e Material Didático (PNLD) fomenta e viabiliza o acesso de estudantes do país a esses materiais e apresenta uma variedade no catálogo de autores e temáticas, com orientações direcionadas a cada série ou nível de ensino. Considerando a quantidade expressiva de obras infantis destinadas, principalmente, ao Ensino Fundamental, supomos que muitos são os elementos multimodais mobilizados pelos autores e editoras na produção desses livros, sobretudo como forma de atrair a atenção para o conteúdo. Sendo assim, este trabalho objetiva analisar, com base na Gramática do Design Visual (GDV), de Kress e Van Leeuwen (2006), e em autores que discorrem sobre Multimodalidade, como Gonçalves, Bezerra e Heberle (2019) e Silva *et al* (2022), como as capas de obras aprovadas pelo PNLD literário sinalizam para a narrativa e possíveis discussões que existam em seu interior. Metodologicamente, esta pesquisa é qualitativa e descritiva, e o seu *corpus* é constituído de 5 obras aprovadas para distribuição pelo PNLD literário. Os resultados indicam uma confluência entre aspectos semióticos, como cores, fontes, tamanhos de letras e figuras, que contribuem para a imersão e conhecimento a respeito do que irá ser abordado no percurso leitor.

PALAVRAS-CHAVE: Multimodalidade; Obras Infantis; PNLD literário.

¹ Mestrando em Ensino pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino (POSENSINO), da associação entre Universidade Federal Rural do Semiárido (UFERSA), Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). Membro do Grupo de Pesquisa em Estudos Linguísticos do Texto (GPELT). Email: joabnsenaneto@gmail.com. ORCID: [0009-0009-2093-7806](https://orcid.org/0009-0009-2093-7806)

² Mestranda em Ensino pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino (POSENSINO), da associação entre Universidade Federal Rural do Semiárido (UFERSA), Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). Membro do Grupo de Pesquisa em Estudos Linguísticos do Texto (GPELT). Email: carlamouraprn30@gmail.com. ORCID: [0009-0000-8868-0992](https://orcid.org/0009-0000-8868-0992)

³ Professor Doutor da Universidade Federal Rural do Semiárido (UFERSA). Líder do Grupo de Pesquisa em Estudos Linguísticos do Texto (GPELT). Email: ananias.silva@ufersa.edu.br. ORCID: [0000-0001-5442-5133](https://orcid.org/0000-0001-5442-5133)

ABSTRACT: Responsible for providing access to books for schools across Brazil, the National Program for the Book and Didactic Material (PNLD) promotes and facilitates students' access to these materials, offering a variety of authors and themes tailored to each grade or level of education. Considering the significant number of children's books aimed primarily at elementary education, we assume that many multimodal elements are mobilized by authors and publishers in the production of these books, particularly as a way to capture attention towards the content. Therefore, this study aims to analyze, based on the Visual Design Grammar (VDG) by Kress and Van Leeuwen (2006), as well as authors discussing Multimodality such as Gonçalves, Bezerra, and Heberle (2019) and Silva *et al.* (2022), how the covers of works approved by the PNLD literary program signal the narrative and possible discussions within. Methodologically, this research is qualitative and descriptive, with a *corpus* consisting of 5 works approved for distribution by the PNLD literary program. The results indicate a confluence of semiotic aspects, such as colors, fonts, letter sizes, and images, that contribute to the immersion and understanding of what will be addressed in the reading journey.

KEYWORDS: Multimodality; Children's Books; Literary PNLD.

Considerações Iniciais

O Programa Nacional do Livro Didático sofreu uma reestruturação no ano de 2017, passando a ser denominado de Programa Nacional do Livro e Material Didático (PNLD), o que ocasionou uma ampliação de sua abrangência, porém sua sigla original foi mantida e foi atribuída a alcunha PNLD literário para se referir às obras destinadas à leitura de literatura. Dividido em quatro segmentos, sendo estes: Educação Infantil, anos iniciais do Ensino Fundamental, anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio, a distribuição das obras ocorre de acordo com os objetivos, faixa etária e outros fatores que podem tornar determinado material adequado a seu respectivo público-alvo.

Nesse contexto, para que o livro que chega à instituição pública de ensino por meio do programa seja efetivamente lido pelos estudantes que constituem o corpo discente, são necessárias estratégias dos profissionais da educação que são aplicadas desde muito cedo, quando os alunos ainda estão sendo alfabetizados. Colomer (2007, p. 52) enfatiza que é “através dos distintos canais, dos livros infantis e das atividades proporcionadas pelos adultos, que as crianças começam a fixar as bases de sua educação literária”. Sendo assim, a exposição constante às obras renova os discursos sobre a importância da leitura para o desenvolvimento e aprendizagem e sedimenta as bases para a construção do perfil de um leitor.

Todavia, como se sabe, um livro infantil apresenta uma configuração e organização que podem ser muito diferentes de um livro voltado ao público adulto, principalmente pelo número de ilustrações e pela extensão e complexidade das narrativas. Sobre isso, Colomer (2007, p. 53) aponta que “Já que os livros para crianças pequenas são ilustrados, o debate sobre a compreensão das imagens também faz parte da discussão acerca da relação entre os textos infantis e seus leitores”. Acerca dessa correlação entre o verbal e o imagético, Adam (2022, p. 140) contribui com a noção de textualidades iconotextuais, afirmando que o conceito de iconotexto pode ser “estendido a todos os casos de combinação do verbal com o icônico”. Sendo assim, nas obras infantis, a junção dos elementos linguísticos e visuais são importantes e figuras e gravuras também fazem parte do processo da leitura.

Diante dessa constatação, é possível inferir que, para crianças em fase de aquisição da aprendizagem, nas atividades de decodificação e de interpretação, as representações visuais agem como uma motivação para a leitura. Assim como ocorre com indivíduos já familiarizados e que se reconhecem como leitores, há temas que despertam maior ou menor interesse e atenção. Com estudantes da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino

Fundamental, esse interesse pode ser manifestado a partir das ilustrações vistas nas capas dos livros. Por exemplo, uma criança que gosta de dinossauros, ao se deparar com a representação de um desses animais em uma obra literária pode ter seu interesse despertado para conhecer a história que origina a ilustração. Da mesma forma que outra criança que gosta de princesas pode ter sua imaginação e criatividade ampliadas por visualizar as figuras durante a leitura de um clássico.

Nesse sentido, este trabalho consiste em uma investigação acerca da construção das capas de obras literárias infantis, no que se refere à multimodalidade que as constitui. Considerando que muitos são os elementos gráficos e textuais utilizados para atrair os leitores para conhecerem a narrativa ou a poesia em seu interior, este estudo tem como objetivo identificar, descrever e analisar quais são os elementos multimodais empregados nas capas, sendo essa parte do livro a primeira com a qual se tem contato. Em específico, foram selecionados livros aprovados pelo PNLD literário e que circulam em contextos de ensino, de forma que possa ocorrer uma compreensão a respeito das inter-relações entre aspectos multissemióticos para que a obra não seja “julgada pela capa”, mas que seja admitido que a leitura já se inicia nela.

Literatura infantil e PNLD literário: o acesso à leitura na escola

A leitura literária é importante para a formação de toda e qualquer criança. A esse respeito, Abramovich (1997) afirma que ouvir histórias faz parte do início da aprendizagem do leitor e que esse caminho de descobertas promovido pela leitura é infinito e cheio de possibilidades. As histórias nos fazem perceber o mundo de conflitos e nos apontam propostas de como resolvê-los ou, ao menos, refletir sobre variados assuntos a partir dos enredos, das especificidades dos personagens e das narrativas constituídas.

E mesmo que a introdução dessa tarefa, em alguns casos, tenha início no seio familiar, como aponta Abramovich (1997), é na escola que a prática de ler literatura se desenvolve e se constitui como atividade efetiva. Por isso, essa instituição deve não apenas estar preparada com a qualificação de profissionais competentes para a promoção da leitura literária, mas também com apoio logístico e estrutural, para que esse desenvolvimento ocorra de forma eficiente, o que implica minimamente um acervo de obras literárias e um espaço físico voltado para a leitura.

Todavia, convém ressaltar que ter apenas um acervo de qualidade nas escolas não garantirá necessariamente que os alunos se apropriem da prática de leitura no seu dia a dia, mas sim por intermédio de ações sistemáticas, constituídas de forma eficiente, com intuito de incentivo à leitura pelo professor e por toda a equipe escolar. Só com a promoção de ações de assim na escola é que podemos formar sujeitos leitores. No entanto, o inverso disso, a falta de acesso ao livro nas instituições escolares, compromete a prática de leitura literária nas escolas, e as consequências apontaram para a restrição do repertório cultural, da dificuldade em desenvolver o senso ético e estético do sujeito. Tal fato culminará em consequências negativas na/para a formação leitora dos alunos e, de modo mais amplo, para a sua formação cidadão (Burlamaque; Martins; Araújo, 2011).

Mamede (2006) já pontuava essa dificuldade de se trabalhar com literatura na escola, afirmando que um dos motivos seria o reduzido número e/ou ausência de livros infantis nas instituições. Podemos citar que a implementação de algumas políticas públicas de incentivo à leitura já modificaram esse quadro com o passar do tempo. Ainda não estamos no cenário ideal para a promoção da leitura literária, mas, a cada dia, um passo a mais é dado para o apoio da aquisição desse bem durável pelas instituições. De fato, as políticas vigentes têm possibilitado o acesso a alguns livros literários de forma diversificada para os alunos, o que tem se apresentado como alternativa substancial à formação desses sujeitos.

O Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) vem investindo em recursos para esse fim, com programas que apontam para aquisição de diferentes obras literárias. O PNLD, um programa já consolidado pela qualidade na distribuição de obras didáticas, teve uma aquisição, em 2017, que possibilitou às escolas públicas das redes federal, estaduais e municipais, a implementação de outros materiais paradidáticos. Com a união entre Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) e Programa Nacional de Biblioteca na Escola (PNBE), um dos benefícios foi a constituição do PNLD literário, que tem como objetivo promover o acesso a obras literárias nas instituições escolares a partir do reconhecimento do potencial transformador na leitura literária e com o intuito de qualificar leitores de forma plena nesses espaços.

Em 2018, ocorreu a primeira escolha de obras literárias e sua destinação se deu para as diferentes etapas da Educação Básica, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio. Posteriormente, as escolhas se deram de forma fragmentada, sendo respectivamente nos anos de 2020, 2022, 2023 e 2024. O ano de 2020 foi destinado para a escolha das obras dos anos finais do Ensino Fundamental; já no ano de 2021, com seleção em novembro de 2022,

destinou-se à escolha das obras para o Ensino Médio; em 2022, com escolha em novembro de 2023, a seleção de livros foi destinada às creches e pré-escolas; por fim, no ano de 2023, com escolha programada para agosto de 2024, ocorreu a seleção das obras literárias para os anos iniciais do Ensino Fundamental.

Essa seleção se dá por meio de reuniões entre as equipes diretiva, pedagógica e docente das escolas. Toda essa logística se faz necessária para que as escolhas adquiridas correspondam a livros que se adequem ao perfil dos alunos matriculados em cada instituição, pois, quem conhece de fato o público a atender são as respectivas instituições escolares, sobretudo os professores. Com isso, percebe-se que houve avanços quanto ao acesso de livros literários nas instituições escolares, mesmo que ainda se possa dizer que não se encontrem no cenário ideal para um atendimento pleno dos alunos.

Com isso, a estética apresentada nessas obras de literatura destinadas ao público infantil deve considerar os aspectos lúdicos, instigando e envolvendo a criança no mundo da imaginação. Santos e Moraes (2013, p. 89) afirmam que:

Nesse gênero literário, encontram-se, de um lado, o caráter educacional, que desde sua gênese se faz presente como formador de mentalidades, propagador de ideologias, mantenedor ou questionador de estratos sociais, valores e condições preestabelecidas; de outro, o aspecto artístico promovendo rupturas, reinvenções e recriações na linguagem, nas verdades, no mundo, na realidade representável, no imaginário, nas ideias.

Diante dos apontamentos feitos pelos autores acerca da leitura literária, percebe-se que, mesmo com o caráter educacional que as obras carregam, com o intuito de formar leitores críticos que reflitam acerca do que está posto, a partir de interpretações textuais das obras. Deve-se transpor esse papel, atribuindo a essa prática não apenas caráter conteudista, mas sim, instigá-los a ver no livro infinitudes de possibilidades que despertam a imaginação, o gosto e prazer pela leitura. Mas, para que isso seja possível, se torna necessário que as obras selecionadas possibilitem e instiguem esse mundo imaginário que a leitura pode possibilitar, com ilustrações e outros artifícios semióticos que podem persuadir o leitor a partir do primeiro olhar.

Diante disso, discutiremos, no próximo tópico, os aspectos multimodais na leitura literária, que, dentre outras funções, podem ser importantes atrativos para o leitor.

Multimodalidade e leitura literária: aspectos multissemióticos do texto

A efetiva leitura de uma obra literária se inicia pela capa. É a partir dela que o leitor terá o primeiro contato e poderá julgar as imagens, composição das cores, título, ilustrações, fonte, e as várias formas que o livro apresenta. Uma capa bem produzida, com aspectos estilísticos bem compostos, pode convidar o leitor a folhear o livro e se debruçar sobre ele. Não se trata necessariamente de “julgar o livro pela capa”, mas de pensar como os recursos multissemióticos nela arranjados podem ser importantes recursos de persuasão à leitura e de orientação para a construção dos sentidos pretendidos para o texto.

A composição estética diferencia as obras e demanda uma infinidade de recursos para atrair o leitor, em especial o público infantil. Dessa forma, “Diante desse campo vasto que é a literatura, apresentamos o texto imagético, ou texto de imagem, que visa a atender as necessidades não só do pré-leitor, mas de todo o público infantil e juvenil.” (Burlamaque, Martins e Araújo, 2011, p. 76).

É por isso que dizemos que as imagens não estão apenas dispostas nos textos, mas integram o próprio texto, como parte constitutiva e fundamental, que conduz o leitor para uma variedade de possibilidades de sentidos que podem ser construídos a partir da sua leitura. Nascimento, Bezerra e Heberle (2011) defendem que as imagens devem ser entendidas enquanto um sistema semiótico que constrói sentidos tal qual a linguagem verbal. Essa relação deve ser constituída por signos compartilhados socialmente, que representam nossas vivências em comum, isto é, representações a serem analisadas diante das regularidades constituídas e negociadas entre nossas relações com o outro. Para Silva (2022), o que nos ajuda a entender melhor as imagens no texto é a multimodalidade que as constitui.

Diante das mudanças de estilo de leitura e de produções, refletidas nas características de cada sociedade, os textos assumiram uma multiplicidade de formas e de modelos. Kress e Van Leeuwen (2006) compreendem que, nas produções de textos, para além da linguagem verbal, são utilizados recursos variados, como: fotografia, música, desenho, gráfico, entre outros arranjos que servirão à construção de sentidos por meio da língua. Para entender essa multimodalidade é imprescindível considerar que o modo como nos comunicamos é plural e se constitui por intermédio de uma infinidade de formas e/ou de suas combinações.

Para analisar os aspectos multimodais presentes em um texto, Kress e Van Leeuwen (2006) apresentam uma proposta denominada de Gramática de Design Visual (GDV), que,

segundo Silva (2022), se encontra dividida em três metafunções: Representacional, Interativa e Composicional. Essa organização está disposta no quadro abaixo:

Quadro 1 – Estrutura básica da GDV.

METAFUNÇÕES	CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
Representacional (Relação entre os participantes)	Narrativa	Ação: Transacional (unidirecional ou bidirecional) e Não-transacional
		Reação: Transacional e Não-transacional
		Processo verbal e Processo mental
	Conceitual	Classificacional; Simbólico e Analítico.
Interativa (Reação entre imagem e observador)	Contato	Demanda e oferta.
	Distância	Intimidade: Plano fechado.
		Impessoal: Plano aberto.
		Social: Plano médio
	Perspectiva	Envolvimento: Ângulo frontal
		Destaque: Ângulo oblíquo
		Visão de poder para o observador: Ângulo vertical.
		Igualdade: Nível dos olhos.
Modalidade	Poder do participante, científica e abstrata.	
Composicional (Relação entre elementos da imagem)	Valor informativo	Naturalista, sensoriais, científica e abstrata.
		Esquerda (dado)/direita (novo).
		Topo (ideal)/base(real).
	Enquadramento	Centro/Margem: Superordenado/subordinado.
		Conexão: Estruturação fraca. Desconexão: Estrutura forte.
Saliência	Tamanho, cor/contraste, plano de fundo.	

Fonte: Baseado em Kress e van Leeuwen (1996) e adaptado de Silva (2016).

A representacional compreende duas categorias: a narrativa e a conceitual. Essa metafunção descreve como o aspecto visual é estruturado, no que corresponde à natureza dos eventos e dos participantes envolvidos (Souza; Silva, 2022). A interativa é constituída por quatro categorias, que são: contato, distância, perspectiva e modalidade. Segundo Souza e Silva (2022) faz referência a aspectos interpessoais, e apresenta descrições nas relações sócio-interacionais entre participantes e observadores. Já a composicional se encontra categorizada em: valor informativo, enquadramento e saliência. Ela, conforme os apontamentos de Souza e Silva (2022), apresenta aspectos de descrição e combinação das representações dos elementos na estrutura que compõem o visual.

Dentro das imagens e/ou textos verbais, destinados à leitura, são utilizados diversos elementos intencionais que corroboram para a interpretação da abordagem que a obra disponibilizará. Por exemplo, o tamanho da fonte, o formato, as cores, além de atrair a atenção do leitor, apresentam sinais da perspectiva que o texto irá abordar e possibilita

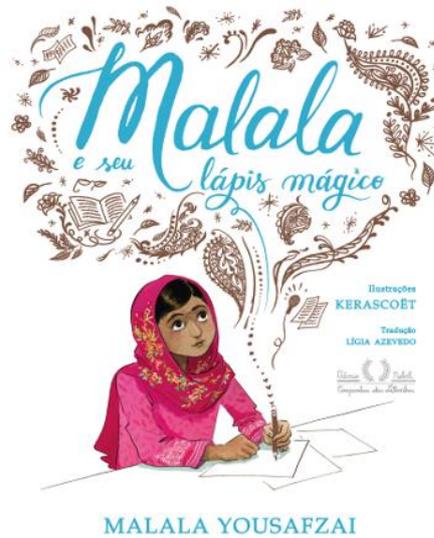
reflexões acerca da obra. Por isso, há necessidade de se fazer também uma leitura multissemiótica, proporcionando interpretações que estão além de uma decodificação da linguagem verbal do texto.

Diante do exposto, todos os textos, independentemente de sua estruturação composicional, (visual e/ou verbal), se comunicam com o leitor por meio de estratégias e recursos diversos e semióticos. Com isso, abrem um leque de possibilidades na/para sua interpretação. Nessa leitura, são considerados os contextos nos quais os sujeitos se encontram envolvidos, seja cultural, histórico, social, econômico, dentre outros. Tudo isso faz parte do investimento realizado para uma compreensão e interpretação que esteja alinhada à intencionalidade e outros critérios de textualidade existentes e articulados na materialidade de uma produção textual.

Análise multimodal de capas de obras aprovadas pelo PNLD literário para os anos iniciais do Ensino Fundamental

A primeira obra selecionada tem como título “Malala e seu lápis mágico”, e sua autora é homônima à personagem protagonista. Trata-se de Malala Yousafzai, ativista de origem paquistanesa conhecida mundialmente por defender o direito feminino de estudar em um contexto fundamentalista e que ceifa das mulheres o acesso à educação. Com tons autobiográficos, o livro foi traduzido para a língua portuguesa, publicado pela editora Companhia das Letrinhas e faz parte Categoria 1 do PNLD literário, voltada a alunos do 1º ao 3º ano do Ensino Fundamental. A seguir, pode-se visualizar a capa da edição disponibilizada no catálogo do PNLD 2023 e a análise de seus elementos constituintes.

Figura 1 – Capa da obra “Malala e seu lápis mágico”.



Fonte: Catálogo de obras aprovadas para o PNLD 2023 (2024).

Toda a arte da capa produz sentidos múltiplos que podem ser interpretados a partir de diferentes conhecimentos dos leitores. Imediatamente, é possível identificar a presença de uma representação conceitual, sendo esse tipo de representação caracterizado pelo fato de que “o foco são os atributos e as identidades dos participantes” (Nascimento *et al.*, 2019, p. 536). A personagem ilustrada usa um *hijab*, espécie de véu característico de mulheres da doutrina islâmica, o que já permite aos leitores depreender que a narrativa ocorre com uma personagem de uma cultura diferente da brasileira ou de uma religião específica. Aspectos como o estilo das vestimentas e a cor da pele estabelecem uma clara tentativa de representar a figura real da autora, que escreve um livro mesclando memórias de vida e lições para crianças. O nome da personagem no título da obra também sinaliza para a importância da personagem para a história.

Sendo assim, segundo os pressupostos de Kress e Van Leeuwen (2006), pode-se atribuir à Malala a alcunha de participante. Percebe-se, além disso, que sua figura está em um ambiente com fundo totalmente branco, o que dialoga com o que Nascimento *et al.* (2019, p. 537) apontam como uma das características que auxiliam no reconhecimento de uma representação conceitual: “ausência ou menor detalhamento do plano de fundo, o que direciona o foco para os participantes e seus atributos”. Toda essa construção ocorre por meio de processos analíticos não-estruturados, definidos assim por haver “a ausência do conteúdo descritivo” (Teodoro *et al.*, 2022, p. 474). Por se tratar de uma capa, o conteúdo verbal se

limita ao nome da obra e informações sobre autores e outros profissionais creditados, o que deixa em aberto a interpretação dos elementos visuais escolhidos.

Além disso, nota-se uma escolha consciente de expor Malala sentada em uma bancada com papéis e o lápis que intitula a obra, o que desperta possíveis compreensões de que a personagem é interessada em escrita. O uso de uma fonte com aspecto cursivo remete a um texto feito à mão e as diferentes figuras que saem do lápis sugerem que o ato de escrever abre diversas possibilidades. A impressão de que um mundo todo branco e sem vida ganha nuances com o lápis considerado mágico é potencializado pela metafunção interativa. E a respeito disso, conforme Kress e Van Leeuwen (2006), há três ângulos com relação ao posicionamento do participante: frontal, oblíquo e vertical. Na capa em análise, o ângulo é oblíquo, pois Malala está de lado, se dirigindo a seus materiais e não ao leitor, o que significa um baixo envolvimento com quem está lendo e uma atenção integral ao universo da imagem.

Por fim, nota-se que não somente seu corpo está inclinado num ângulo oblíquo, mas seu olhar também está direcionado para cima, como se observasse ou imaginasse tudo que seu lápis é capaz de produzir. A atenção do leitor também é bastante atraída para essa espécie de balão que flutua sobre Malala devido à saliência, que “se faz a partir de vários recursos como tamanho, cores, brilho e saturação.” (Pinto; Barbosa, 2022, p. 57). O tamanho ocupado pela nuvem de elementos que surgem no lápis é maior que qualquer outro elemento da capa, o que atrai a atenção para si e para o título que está em seu interior. Dessa maneira, o enquadramento geral constrói a ideia de uma personagem que, por meio de um instrumento, um objeto, enxerga muitos desdobramentos e oportunidades, uma analogia ao poder da educação.

A próxima obra escolhida é intitulada de *Pode chorar, coração, mas fique inteiro*. É de autoria de Glenn Ringtved e Charlotte Pardi, publicada no Brasil pela editora Fontanar e também é direcionada a estudantes do 1º ao 3º dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Assim como o livro anterior, a capa também é rica em aspectos visuais.

Figura 2 – Capa da obra “Pode chorar, coração, mas fique inteiro”.



Fonte: Catálogo de obras aprovadas para o PNLD 2023 (2024).

Na capa acima, é possível identificar a presença de dois participantes. O primeiro é uma criança, aparentemente uma menina, e o segundo, é um ser que remete à figura popular atribuída à morte personificada. O uso de cores em tons claros e neutros é um indício de saliência, a partir do que Kress e Van Leeuwen (2006) postulam. O plano de fundo rabiscado e neutro, os traços e a pintura presentes na ilustração remetem à frieza, tristeza e sentimentos inversos à diversão, aspecto comumente relacionado à figura infantil.

Nascimento *et al.*, (2019, p. 542) afirmam que “Na cultura ocidental, as posições complementares esquerda/direita estão associadas aos valores de informação dada/nova”. Percebe-se que esse posicionamento estratégico foi empregado na capa em questão. À esquerda está a menina, figura humana bastante comum não só na literatura infantil, mas no geral. Já à direita, está a morte, que inexiste fora do campo abstrato como um ser físico, mas que permeia a ficção e está no centro da narrativa que sinaliza para a abordagem da dor e do luto.

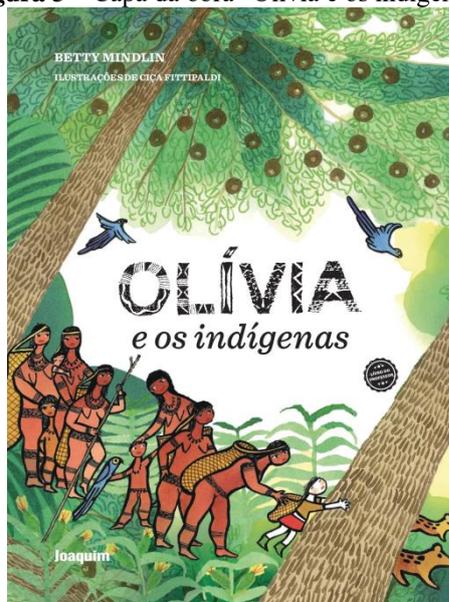
O diálogo que há entre os dois participantes é expresso não por palavras, mas por gestos e outros ícones. A xícara em cima da mesa é uma evidência de que a conversa tem uma duração razoável e o toque da menina na mão da morte é um indicador de que toda a imagem é um exemplo de uma representação narrativa com processos de ação transacional, sendo o braço da garota tocando a morte o vetor que denota uma movimentação. Além disso, a imagem foi construída sob a ótica do plano médio (ou *medium shot*) no que se refere à distância entre o leitor e os participantes. Essa definição ocorre por se tratar de uma distância

considerada social, ou seja, nem íntima nem impessoal demais, passível de reconhecimento pela representação ocorrer com a exposição da cabeça à cintura dos personagens.

Em suma, toda a estética da capa tenta imergir o leitor em uma atmosfera de superação, seja pelos rostos abatidos, seja pelo gesto da criança que, aparentemente, tenta conversar com a colega de cena. O uso de uma fonte simples no título, sem grandes rebuscamentos, dialoga com o tom sóbrio e pouco geométrico. Todavia, também percebe-se que a menina usa uma roupa em tom vermelho, cor contrária ao processo de luto, o que representa a existência de vida para além dos momentos tristes. Nesse contexto, a obra é dotada de sensibilidade e maturidade por tratar sobre um tema que afeta o ser humano em diferentes fases da vida, o que gera reflexão e coaduna com uma necessidade da literatura infantil que é propor “o acesso à formalização da experiência humana” (Colomer, 2007, p. 62).

A terceira capa é de uma obra da editora Joaquim, cujo título é *Olívia e os indígenas*. É de autoria de Betty Mindlin e narra a história de uma menina que mora em zona urbana e vai passar um período com povos indígenas. Abaixo, um registro da capa e sua posterior análise.

Figura 3 – Capa da obra “Olívia e os indígenas”.



Fonte: Catálogo de obras aprovadas para o PNLD 2023 (2024).

Ao observar a disposição dos elementos da capa do livro acima, percebe-se um distanciamento dos acontecimentos da cena, como a ideia de quem observa de longe. Isso ocorre porque, com a função interativa, foi escolhido o plano aberto (ou *long shot*), que

produz um efeito de impessoalidade. Os participantes são indígenas e a protagonista, por suas vestimentas, demonstra não fazer parte daquele povo.

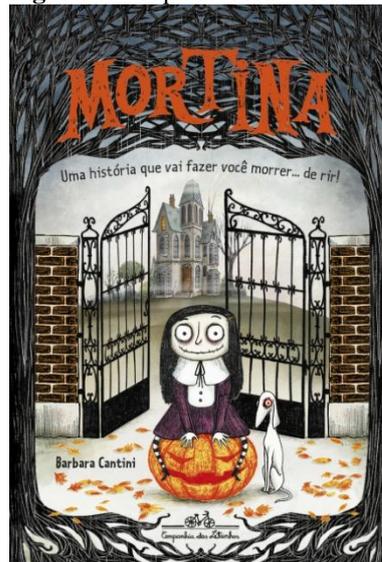
Observa-se também que todos os adultos são mulheres e carregam objetos como cestos para coleta e transporte de alimentos que encontram pela floresta. Essa representação é narrativa e ocorre por processos de ação. Com base em Lima; Cunha; Mendonça (2022, p. 438), “Quando é possível detectar, em um espaço imagético, a presença de um ator e de uma meta bem definidos, temos um processo de ação transaccional”. Sendo assim, pode-se inferir quem é indígena e quem não é pelas vestes ou ausência delas, classificá-los em mulheres ou crianças e relacioná-las às suas tarefas e funções.

Nesse contexto, é predominante na capa o uso da cor verde. Por se tratar de um cenário de mata, é natural que isso ocorra, todavia, nota-se também outros itens, como aves na cor azul e animais, objetos e flores na cor amarela. Essa combinação é uma forte referência às cores da bandeira do Brasil, o que produz um sentido interligado a um fator histórico que é a importância dos povos originários para o desenvolvimento do país e o quanto a história indígena está entrelaçada com a cultura brasileira.

O enquadramento, sem divisões ou rupturas, indica uma integração entre os participantes e o ambiente, de maneira que não haja distorções de entendimento, mas seja evidente que se trata de um passeio pela floresta de um povo que reside e subsiste nela, ao passo em que desenvolve atividades cotidianas e interage com uma menina da cidade. Por último, a fonte utilizada no título, em específico no nome “Olívia” faz referência ao estilo de pinturas corporais muito comuns entre indígenas, sendo esse um aspecto que mescla o verbal e o imagético para o alcance do propósito do texto.

A quarta e penúltima obra utilizada nesta pesquisa é *Mortina*, de autoria de Barbara Cantini, publicada pela Companhia das Letrinhas. Faz parte da Categoria 2 do PNLD, e é direcionada a estudantes do 4º e 5º anos do Ensino Fundamental. É o primeiro de uma série de livros infantis que mescla componentes do horror com o humor em narrativas que utilizam referências à cultura *pop*, como o fato da própria protagonista ser uma menina-zumbi. O nome da personagem também já é um trocadilho com a palavra “morte”, assim como o nome de sua tia “Fafá Lecida”. Esses elementos macabros e cômicos se condensam em toda a obra, bem como na capa, que veremos a seguir.

Figura 4 – Capa da obra “Mortina”



Fonte: Catálogo de obras aprovadas para o PNLD 2023 (2024).

Dentre as capas analisadas até o momento, essa é a primeira em que a participante está em um ângulo frontal, com o olhar direcionado para o leitor, o que faz com que haja um envolvimento entre os dois. Essa proximidade é intencional, pois a personagem tem como sonho fazer amigos, então sua abordagem na capa já demonstra sua tentativa em ser solícita, embora seus olhos bem abertos remetam a algo assustador.

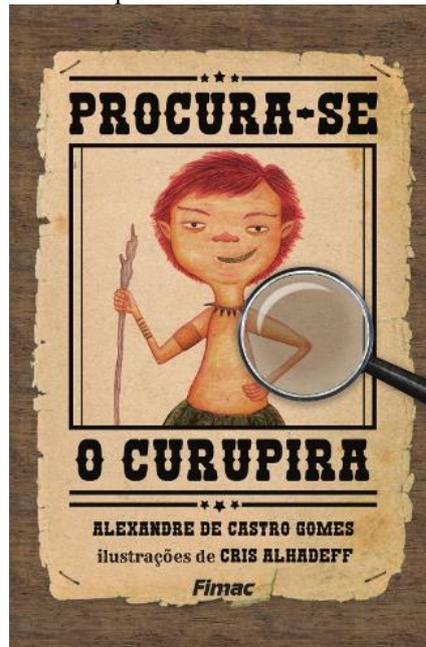
Trata-se também de uma representação conceitual, pois a ênfase está na protagonista e em todos os fatores do ambiente em que ela se encontra, que interferem e consolidam sua identidade. Nota-se que ela está centralizada e sentada sobre uma abóbora, símbolo do *Halloween*. Não há movimento na cena, mas a presença de árvores secas, um portão e uma mansão antigas e o tom nublado se enquadram em processos simbólicos, pois remetem a signos reais e com características conhecidas, como é o caso do dia das bruxas, que é uma festa que celebra o obscuro, o inusitado, além da predominância do preto, com as árvores servindo como moldura e os elementos como galhos e letras retorcidas, utilizadas comumente em obras de terror.

Outra característica que difere das capas analisadas anteriormente é que essa utiliza o verbal além do título e informações como dados dos autores ou editora. Há um subtítulo que afirma: “Uma história que vai fazer você morrer...de rir”. Nessa pequena frase ocorre o recurso da quebra de expectativa. Após as reticências a autora esclarece que se trata de um livro com doses de humor, característica que talvez não fosse evidente ao considerar apenas o imagético, que remete, em sua maior parte, ao fantástico e sobrenatural. Concomitantemente, o uso de uma cor viva no título da obra chama a atenção e se caracteriza como um aspecto de

saliência. Diante de tantas cores e tons nebulosos, a abóbora e o título chamam a atenção e despertam o interesse para a leitura.

Após a abordagem de uma obra que utiliza elementos de uma comemoração muito popular fora do Brasil, mas muito difundida no país pelos produtos midiático-culturais, a última capa deste trabalho focaliza um personagem original do folclore brasileiro. *Procura-se o curupira* é o nome do livro de Alexandre de Castro Gomes, publicado pela editora Fimac, o qual é possível observar a seguir.

Figura 5 – Capa da obra “Procura-se o curupira”



Fonte: Catálogo de obras aprovadas para o PNLD 2023 (2024).

De forma geral, a capa simula um cartaz de “Procura-se” que é muito comum em filmes, séries e até mesmo no dia a dia, diante da situação de pessoas desaparecidas ou são fugitivas. Na suposta fotografia utilizada, o curupira está em uma representação conceitual, e em um plano médio no que tange à metafunção interacional, o que viabiliza uma visão dos traços fisionômicos do personagem procurado, bem como um pouco de seu corpo, sem um distanciamento que torna impessoal o indivíduo que vê o cartaz. Está também em uma relação de demanda, porque embora o curupira talvez não deseje ser encontrado, sua fotografia olhando diretamente para o leitor cumpre o interesse de quem está à sua procura, que envolve se aproximar e encontrá-lo.

O enquadramento da capa simula um registro integral de um cartaz fixado em algum lugar, com alguns sinais de desgaste em suas laterais, naturais pela ação do tempo, além da

presença da lupa sinalizar para a existência de um objeto externo que contribua para a procura. A fonte utilizada no título se assemelha a fontes presentes em obras de faroeste, em que placas e cartazes dessa natureza eram comuns e os tons pastel atribuem uma ideia de antigo, o que indica processos simbólicos de significação que auxiliam na diferenciação entre elementos e imagens diferentemente datadas. A obra tem um aspecto que age como vantagem, que é o uso da intertextualidade, que ocorre com a presença de um personagem já amplamente conhecido por ser do folclore e, dessa forma, um ícone público. Dessa forma, já há uma representação cristalizada a respeito de sua aparência física e a capa aproveita outros elementos também já existentes, como o cartaz de procura para compor seu resultado final.

Como constatação, observa-se que cada autor e ilustrador utilizam diferentes artifícios e funções que melhor se relacionem com o propósito comunicativo e aquilo que desejam expor e adiantar em suas capas. Apesar de todas as obras terem uma característica em comum, que é o fato de serem infantis e aprovadas pelo PNLD, cada uma apresenta suas particularidades sem abrir mão da multimodalidade, que é tão importante nas fases iniciais do desenvolvimento das habilidades de leitura e que também fazem parte dos percursos de reflexão e representação de mundo.

Considerações finais

Compreende-se que o objetivo deste trabalho foi alcançado, de forma que foram identificadas diferentes funções nas capas das obras analisadas. Ao assumir a importância que as imagens têm para os livros de literatura infantil, também se reflete sobre a importância que essa junção entre o verbal e o visual contribuem para que uma história seja contada e alcance estudantes de toda a rede básica que são beneficiados pelas ações de programas como o PNLD literário.

Também com a consciência amadurecida de que não existem textos monomodais, é assumida a noção de que, em um texto escrito, o tipo de fonte, o tamanho, a cor, também são fatores que comunicam e não estão dispostos por acaso, mas cumprem um objetivo estratégico de transmissão de uma mensagem que pode provocar interpretações distintas pelos leitores, mas que apresentam justificativas já exploradas pela GDV, como, por exemplo, um ângulo da representação de um participante, que pode sinalizar para um maior ou menor envolvimento entre esse e alguém que está externo ao livro.

Uma contribuição deste trabalho consiste na necessidade dos professores em conhecer os aspectos abordados pela GDV e considerá-los na análise dos livros trabalhados em sala. E como perspectivas de continuidade, fica a possibilidade de exploração de mais obras aprovadas pelo programa para a identificação de padrões e regularidades em capas, mas também em obras completas, tendo em vista que as ilustrações acompanham toda a leitura quando se trata de obras infantis. Também pode ocorrer a análise de obras direcionadas a outros públicos-alvo, ou materiais de outra natureza em cenários de ensino. Em resumo, fica evidente o quanto a multimodalidade é ampla e está presente de diversas maneiras e em diferentes textos, o que oportuniza a investigação e entendimento sobre suas composições em múltiplas situações e contextos.

Referências

- ABRAMOVICH, F. **Literatura Infantil**: Gostosuras e Bobices. São Paulo, 1997.
- ADAM, J-M. **A noção de texto**. Tradução de Maria das Graças Soares Rodrigues; João Gomes da Silva Neto; Luis Passeggi. Revisão técnica da tradução: João Gomes da Silva Neto. Natal: UFRN, 2022.
- BURLAMAQUE, F.; MARTINS, K.C.C.; ARAUJO, M. S. A leitura do livro de imagem na formação do leitor. In: SOUZA, R. J.; FEBA, B. L. T. **Leitura literária na escola: reflexões e propostas na perspectiva do letramento**. Campina, SP: Mercado de Letras, 2011.
- CANTINI, B. **Mortina**: Uma história que vai fazer você morrer... de rir. 1. ed. São Paulo: Claro Enigma, 2021.
- COLOMER, T. **Andar entre livros**. São Paulo: Global, 2007.
- GOMES, A. C. **Procura-se o curupira**. 1 ed. Belo Horizonte: Fimac, 2021.
- KRESS, G; VON LEEUWEN, T. **Reading images: The Grammar of Visual Design**. 2nd. ed. London: Routledge, 2006.
- LIMA, F. R. S. S; CUNHA, A. F.; MENDONÇA, M. S. V. *A construção dos significados no espaço visual das charges: uma análise à luz da metafunção interativa da Gramática do design visual*. In: Silva, M. B.; BARBOSA, J. R. A.; MEDEIROS, L. H.; LIMA-NETO, V. **Multimodalidade em discursos contemporâneos**. Mossoró: Queima-Bucha, 2022. cap. 12. p. 433-459.
- MAMEDE, I. Literatura infantil na escola: necessária e possível. In: LINS, S. D.; CRUZ, S. H. V. **Linguagem, Literatura e Escola**. Fortaleza: Editora UFC, 2006.
- MINDLIN, B. **Olívia e os indígenas**. São Paulo: Joaquim, 2023.

NASCIMENTO, R. G.; BEZERRA, F. A. S.; HEBERLE, V. M. *Multiletramentos: iniciação à análise de imagens*. **Revista Linguagem & Ensino**, v. 14, n. 2, p. 529-552, 13 mar. 2019.

PINTO, M. G. S.; BARBOSA, J. R. A. *Uma análise multimodal de e-mails promocionais: a tentação consumista dos cupons e *cashback* na palma da mão*. In: Silva, M. B.; BARBOSA, J. R. A.; MEDEIROS, L. H.; LIMA-NETO, V. **Multimodalidade em discursos contemporâneos**. Mossoró: Queima-Bucha, 2022. cap. 1. p. 35-67.

RINGTVED, G.; PARDI, C. **Pode chorar, coração, mas fique inteiro**. 1. ed. Rio de Janeiro: Fontanar, 2021.

SILVA, A. M. Análise multimodal: um estudo de cartazes de combate ao tabagismo produzidos pelo instituto nacional de combate ao câncer-inca. In: SILVA, M. B.; BARBOSA, J. R. A.; MEDEIROS, L. H.; LIMA-NETO, V. **Multimodalidade em discursos contemporâneos**. Mossoró: Queima-Bucha, 2022. cap. 2. p. 69-99.

SANTOS, F. C.; MORAES, F. **Alfabetizar letrando com a literatura infantil**. São Paulo: Cortez, 2013.

SOUZA, L.D.; SILVA, M. B. Análise multimodal de propagandas de produtos capilares para cabelos femininos: dos lisos ao processo de transição para o afro. In: Silva, M. B.; BARBOSA, J. R. A.; MEDEIROS, L. H.; LIMA-NETO, V. **Multimodalidade em discursos contemporâneos**. Mossoró: Queima-Bucha, 2022. cap. 23 p. 103-139.

SILVA, M. M. P. da. Material didático impresso de curso de licenciatura a distância: um olhar para os recursos multimodais. 2016. Tese (Doutorado em Linguística) -Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

TEODORO, J. P. P; OLIVEIRA, J. C.; SILVA, M. T. L. A metafunção representacional em charges que abordam a figura do jovem negro: uma análise multissemiótica segundo a Gramática do design visual. In: Silva, M. B.; BARBOSA, J. R. A.; MEDEIROS, L. H.; LIMA-NETO, V. **Multimodalidade em discursos contemporâneos**. Mossoró: Queima-Bucha, 2022. cap. 13. p. 461-489.

YOUSAFZAI, M. **Malala e o lápis mágico**. 2. ed. São Paulo: Companhia das letrinhas, 2021.

Recebido em: **15/08/2024**

Aprovado em: **01/10/2024**